

Resenha do livro “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer” (Goellner e Cabral)

Review of the book “The pioneers of football ask for passage: knowing to recognize” (Goellner & Cabral)

Cristiano Mezzaroba

Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Aracaju, SE
cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-4214-0629>

Julineide Gadelha Silvestre Coêlho

Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Aracaju, SE
juligadelha@academico.ufs.br
<https://orcid.org/0000-0002-4525-8932>

Victor Gabriel Santos de Oliveira

Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Aracaju, SE
vg171695@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-7264-7323>

Recebido em: 20 de dezembro de 2025

Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Apresentamos a resenha do livro “As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer”, de autoria de Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral, publicado pela Editora Ludopédio (São Paulo) em 2022.

Palavras-chave: Futebol de mulheres. Pioneiras brasileiras. Futebol feminino

Abstract:

We present the review of the book “The pioneers of football ask for passage: knowing to recognize”, written by Silvana Vilodre Goellner and Juliana Ribeiro Cabral, published by Editora Ludopédio (São Paulo, Brazil) in 2022.

Keywords: Women’s football. Brazilian pioneers. Female’s football.

GOELLNER, Silvana V.; CABRAL, Juliana R. *As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para reconhecer*. São Paulo: Ludopédio, 2022.

A bela parceria entre Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral faz nascer uma obra totalmente peculiar e inédita que traz à reflexão o tema da participação das mulheres no futebol brasileiro. Com linguagem dinâmica, em forma de relatos, as autoras “brincam” com as reações de quem lê, ora causando suspense, tristeza e angústias, ora produzindo sensações de superação, de alegrias, de pequenas (e grandes) conquistas.

Certamente a ideia proposta pelas autoras é fazer com que a visão do(a) leitor(a) seja cada vez mais ampliada a partir de uma perspectiva histórica, confrontando paradigmas quanto às práticas futebolísticas das mulheres no Brasil e o que esta modalidade “espelha” sobre identidade nacional, padrões e valores culturais etc. – aqui, com a participação daquelas que foram pioneiras no futebol feminino brasileiro, com suas lutas, agruras, mas também com muita superação e conquistas dentro e fora do campo.

Há uma leveza na escrita do texto que contrasta com a dureza das treze histórias e fragmentos de vida dessas pioneiras do nosso futebol feminino. Explicita-se a década de 1980 como um demarcador temporal em que as engrenagens da atuação das mulheres no futebol começou a funcionar, visto que desde os anos 1940 havia a proibição dessa prática para as mulheres no Brasil.

Independente da região de origem dessas nossas primeiras jogadoras, o contexto social, econômico e cultural garantia certa uniformidade, ou seja, é visível e facilmente compreensível observar nos relatos que a pobreza, as dificuldades de alimentação, para frequentar a escola e estudar, para se deslocar às escolas, ou mesmo as relações e costumes familiares (às vezes com o pai, às vezes com a mãe, ou mesmo com irmãos e tios/tias) que obstaculizaram tal prática.

Dentro desse cenário será possível encontrar casos de extremo machismo, casos de superproteção familiar, casos de opressão social que proibia mulheres de terem espaço no meio esportivo de sua época. Em meio a isso, as protagonistas do livro não irão se render e tentam encontrar estratégias para que possam acessar o futebol, embora com dificuldades múltiplas. O processo que envolve a luta e a conquista de um espaço das mulheres no contexto futebolístico brasileiro envolve muita dor, tempo de espera,

silenciamentos, invisibilidades, manifestações e emoções em forma de choro (de tristeza ou de alegria), e o livro vai se encarregar de representar todo esse período com seus intensos e interessantes relatos.

Cada capítulo do livro será responsável por trazer a biografia de uma atleta, totalizando 13 jogadoras, sendo que os capítulos são introduzidas por páginas cuja estética padronizada contém fundo preto e silhuetas brancas dessas jogadoras, com as biografias muitas vezes tendo como título alguma frase impactante das narrativas delas.

Antes de pautarmos sobre os capítulos do livro, uma breve apresentação das organizadoras da obra: Silvana Vilodre Goellner é professora titular aposentada da UFRGS, atuante no Grupo de estudos sobre Esporte e Cultura e História (GRECCO) e no Grupo de Estudos mulheres do futebol (GEMF), também é ativista do futebol de mulheres e colunista da Ludopédio. Já Juliana Ribeiro Cabral é ex-capitã da seleção brasileira de futebol, medalhista olímpica (Atenas 2004) e comentarista de futebol (ESPN, Rádio Globo e RedeTV), integra o GEMF e é colunista da Ludopédio.

O primeiro relato refere-se à jogadora Claudete Anderle, que por participar da primeira partida de futebol feminino de forma regulamentada no Brasil, ocorrida em Porto Alegre/RS no dia 17 de abril de 1983, em jogo preliminar de uma partida masculina envolvendo Grêmio x São Paulo, com 40.000 pessoas no estádio, saiu conhecida como *Ketty*, “a atacante que comeu a grama do Olímpico”, por seu time vencer o adversário por 8 x 0. Embora jogasse com toda essa garra, sua história foi duramente difícil: começou a jogar bola aos 10 anos em terra batida, sendo a única menina em meio aos meninos; nunca participou de escolinha de futebol ou categoria de base. Seu pai, que também era seu patrão (ela trabalhava na empresa da família), não era a favor de que a filha jogasse, o que a levou a rejeitar o convite para atuar na seleção brasileira naquela época. Por outro lado, ela tinha o apoio de sua mãe, que viajava para vê-la jogar. *Ketty* largou o futebol devido às pressões de seu pai, que, ao final da vida, teve uma conversa com a jogadora, demonstrando arrependimento por essas ações.

O segundo relato traz a história de Margarete Maria Pioresan, conhecida como *Meg*, a qual cresceu em um contexto bastante conservador e em tempos de ditadura, mas também de mobilização inicial de movimentos feministas. Por gostar de jogar futebol, relata ter sofrido muitos preconceitos, sendo apelida de “o menino do Nísio”, nome de seu pai, que estava sempre ao seu lado e não a reprimia por jogar futebol. Teve experiências com voleibol e com handebol, devido a seu porte físico, flexibilidade e

velocidade. Foi convidada a ir ao RJ, onde conheceu o futebol nas areias de Copacabana. Morou de forma improvisada, em um contexto de incertezas e falta de conforto. Ao se dedicar integralmente ao futebol, Meg foi convidada para participar da I Copa do Mundo de Futebol feminino (China), relatando um completo descaso da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) com as atletas, embora elas estivessem se destacando nos jogos, trazendo o 3º lugar, essa mesma situação ocorreu na Copa da Suécia em 1995, quando alcançaram o 4º lugar.

No terceiro relato temos as histórias de Cenira Sampaio Pereira que jogou na seleção de futebol entre 1982 e 1986, desligando-se devido à gravidez do seu primeiro filho, e depois deixando de competir no Mundial da China em 1988 por causa da sua segunda gestação. Sua história tem como ponto central o seu posicionamento crítico ante o esporte, algo que até hoje repercute (no texto, temos dois exemplos: reprovava a atitude do empresário com relação aos baixos salários das atletas; e também teve desentendimentos com dirigente da CBF devido às mudanças coletivas de quando participou da seleção brasileira). Ela já aos 7 anos jogava futebol na rua e seu pai, Raimundo, não queria vê-la jogando futebol, preferia que ela jogasse basquete com a sua irmã. Em 1982 participou de um clube que foi o primeiro a viajar para o exterior. Além do futebol, tornou-se árbitra no futsal, evidenciando seu pioneirismo nesses dois esportes, quebrando alguns estigmas.

Na sequência das memórias que o livro apresenta, temos a brilhante jogadora Márcia Taffarel, que comentou quanto à sua exclusão, por critérios estéticos e etários, e não técnicos, pela Federação Paulista de Futebol, em 2001, numa chamada de campanha para dar visibilidade às mulheres atletas. A Federação só aceitou na campanha mulheres entre 16 e 23 anos, ou seja, jogadoras acima de 23 anos não teriam as características de jovialidade e feminilidade “esperadas” para o I Campeonato Paulista daquele ano. No relato, temos o incentivo por parte de sua mãe e a sua participação, em 1983, na primeira partida regulamentada pela Federação Gaúcha em 1983. Posteriormente, morando em SP, relata muitas turbulências na vida. Despediu-se da seleção em 1996, participando das Olimpíadas de Atlanta, e migrou para ser técnica das categorias de base do futebol de salão logo depois. Relata ter sofrido assédio de um técnico, a quem considerava “um pai”, o que a fez sair da equipe. Em 2004 foi convidada pela amiga Sissi a residir com ela nos EUA para atuar como técnica de futebol de campo.

Seguindo os relatos da obra, temos as histórias da zagueira Solange Bastos, a *Soró*, uma baiana de Feira de Santana que expõe uma dura realidade: o contexto da pobreza, os pais separados e esforçados para garantir a criação dos filhos, a vida escolar iniciada de forma bastante tardia, e em relação à prática do futebol, algo que fazia desde pequena, mesmo sem ter o que comer e jogando com fome. Ao participar de um clube da cidade, entre os 12-16 anos, comentou que por vezes, no treino, passava mal devido à fome e fingia estar machucada. Depois, passou a ser chamada para a seleção, destacando-se nos mundiais da China (1991) e da Suécia (1995). Todo dinheiro que ganhava, guardava para enviar à sua mãe, que não tinha nem privada em casa e passava por situações de pobreza. Com a participação de *Soró* no futebol, conseguiu reformar a casa da mãe e encerrou a carreira em 2021, aos 37 anos, tendo sido treinadora no Flamengo de Feira de Santana.

Passamos, então, ao sexto relato, que traz a história da humilde jogadora Ita Maia Reis, a *Baianinha*, marcada por uma situação inusitada, ou seja, brincava na penumbra da noite em campos improvisados para não sofrer preconceito por ser uma menina que jogava futebol. Baiana de Irecê, ela trabalhava na lavoura e estudava com o incentivo de seus pais, e foi na escola que participou dos seus primeiros torneios de futebol e de outras modalidades. Viveu em Goiás, Minas Gerais e em São Paulo, sempre tendo o futebol na sua vida. Só abandonou os gramados aos 48 anos, em 2017, e posteriormente tornou-se técnica. Tem atuado com projetos que incentivam jovens da várzea na prática futebolística.

O sétimo relato conta a história de Patrícia Aparecida Menezes, uma goiana com 6 irmãos, que tinha uma mãe apaixonada por futebol e que, por isso, inspirou Patrícia e os irmãos a praticarem o esporte. Foi só aos 17 anos que dedicou-se ao futebol como goleira em um amistoso, depois, ingressou em um time de forma permanente e acabou se tornando goleira profissional, chegando à seleção em 1991. Sua história é uma das muitas jogadoras brasileiras que enfrentaram desafios durante a institucionalização do futebol feminino no Brasil, no caso dela, ainda maiores, por ser uma mulher negra. Embora o reconhecimento oficial do futebol feminino pelo governo brasileiro tenha ajudado a criar competições e times mais organizados, também significou que muitas mulheres foram excluídas do jogo, devido às dificuldades econômicas.

Quanto ao oitavo relato, aborda-se a questão da profissionalização do futebol feminino no Brasil a partir da trajetória de Suzana Cavaleiro, uma paulistana que

cresceu em uma casa pequena com sua família, uma menina que adorava brincar, mas nunca se interessou por bonecas, e sim por bolas, jogando futebol com seus primos. Em 1988, Suzana recebeu o convite para integrar a Seleção, mas tinha receios com as consequências de uma ausência prolongada por estar em final de um curso. Foi incentivada a ir pelo diretor do curso, que a informou que havia uma lei que a amparava para abonar as faltas. Retornou com a medalha de bronze, com seu pai desempregado e ela também. Teve muito desgaste com a viagem, tendo que recorrer à CBF solicitando um documento oficial porque o telegrama de convocação não foi aceito pelo professor do curso. Em sua história, vimos uma excepcionalidade nesse contexto das pioneiras do futebol feminino brasileiro: ela investiu na sua formação profissional fora do campo, fazendo uma leitura de que o futebol não lhe permitiria ter um futuro conforme ela própria imaginava. Durante muito tempo, a modalidade sobreviveu de migalhas, e como jogadoras, quando reivindicavam direitos, sofriam represálias. A profissionalização do futebol feminino é um tema recente no país, e apenas 9 equipes mantêm vínculos profissionais com as jogadoras por meio de contratos CLT.

Em relação ao nono relato, conta-se a trajetória de Maria Lúcia Alves Feitosa, a 1ª brasileira a jogar futebol na 1ª divisão do Campeonato Italiano. Pernambucana, mudou-se com a família para SP em busca de melhores oportunidades. Desde pequena, gostava de jogar bola com seus irmãos na rua. Com 13 anos, foi convidada para integrar uma equipe de futebol feminino e passou a jogar regularmente. É conhecida como uma das principais atletas da equipe Radar/Pão de Açúcar, e onde se destacou para jogar na Itália. Em 1987, foi jogar no Trani, abrindo o mercado internacional para outras jogadoras brasileiras. Apesar de ter enfrentado dificuldades como o idioma, o clima e a alimentação, firmou-se na Itália e jogou em outras equipes, encerrando sua carreira em 2001. Atualmente mora na Europa, onde trabalha com times femininos e relata sentir dificuldades por conta do machismo presente nas federações europeias. Sua história mostra como o futebol feminino também vem sofrendo mudanças positivas ao longo dos anos e como a estruturação do futebol em muitos países tem gerado oportunidades de trabalho e circulação de jogadoras.

No décimo relato conhecemos a história de Isabel Cristina de Araújo Nunes, a "Bel", gaúcha da capital, cujo pai era jogador de futebol amador, e ela começou a jogar com ele ainda jovem. Era considerada uma jogadora talentosa e apaixonada pelo futebol, conhecida como a "musa do futebol feminino" nas décadas de 1980 e 1990.

Suas peripécias extracampo chegaram a ser comparadas com Renato Portaluppi. Em 1995, aceitou posar nua para a Revista *Playboy* e ganhou um cachê valioso para a época. Recebeu vários convites para participar de programas de TV, atuar em novelas e até mesmo posar novamente para a revista. No entanto, Bel acabou deixando o futebol de lado e, aos poucos, foi esquecida pela mídia e pelos fãs, o que demonstra como a criação da musa a afetou, fazendo com que seu talento fosse esquecido. A valorização da beleza e feminilidade das atletas em detrimento de seu talento e habilidades técnicas é comum na mídia esportiva, que costuma condecorar padrões normativos de beleza e feminilidade.

Dirigimo-nos aos três últimos relatos, agora com o décimo primeiro, o qual apresenta a história de Dilma Maria Mendes, jogadora de futebol negra que nasceu em Camaçari (BA). Desde pequena, gostava de jogar bola e tinha o apoio do pai, mas teve muita resistência e proibições da sua mãe (relata-se que uma vez sua mãe pediu para um dos filhos amarrá-la em uma árvore e a xingá-la publicamente). Apesar disso, Dilma nunca deixou o futebol e continuou a jogar, desenvolvendo artimanhas para driblar o preconceito da mãe. Dilma fez parte da seleção brasileira de futebol feminino e contribuiu para colocar o nome do Brasil no topo do futebol mundial. No entanto, mesmo com seu talento e as conquistas, jogadoras negras como ela são pouco conhecidas e valorizadas, o que revela a face do racismo. Ela sofreu com a invisibilidade e violências direcionadas às mulheres negras. Entretanto, sempre se portou contra esse racismo, procurando transformá-lo. Relata ser grata ao futebol, por emponderá-la e fazer dela a mulher que é.

O décimo segundo relato intitula-se “Euforia é uma sensação que só quem ganha sabe” e tem como protagonista, Helena Maria Filomena da Rocha Ferreira Pacheco, de família portuguesa, nascida no RJ. Em sua narrativa, discute-se o papel das mulheres no futebol (em suas múltiplas atuações: jogadora, treinadora, preparadora física, gestora etc.). Embora haja um avanço na representatividade feminina nessas áreas, o texto ressalta que ainda há muitas barreiras a serem superadas, como a falta de oportunidades em equipes de homens e a cobrança ainda mais rigorosa sobre elas. A ex-atleta revela um conhecimento negligenciado pelo futebol brasileiro: o potencial do futebol feminino. Apesar de ter conquistado vários títulos à frente do clube e da seleção carioca, ela foi preterida por dirigentes da CBF que preferiam treinadores homens ou usavam-lhe como auxiliar técnico para derrubar o técnico e substituí-lo por ela. Essas

atitudes frustraram Helena, que não compactuava com as “sacanagens” da direção da CBF. O relato ainda faz uma análise dos números de mulheres treinadoras em competições internacionais e nacionais, mostrando que, apesar do aumento no número de mulheres, a equidade de oportunidades ainda não é uma realidade.

O último relato deste livro é sobre a atleta Sissi, a “Imperatriz”, cujo nome completo é Sisleide Lima do Amor, outra pioneira da modalidade no país. Seu nome é constantemente mencionado como referência para as novas gerações, graças à sua habilidade em campo, liderança e defesa dos direitos das mulheres no esporte. Baiana do interior, Sissi começou a jogar futebol aos 7 anos, subsequente de seu irmão e seu pai, que também jogava futebol. Jogou em diversas equipes e também atuou no futebol de salão. Sua carreira na seleção brasileira é marcada por participações em competições importantes, além de ter sido a artilheira em uma das edições da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Mesmo tendo o reconhecimento mundial por sua importância para o futebol, Sissi e outras jogadoras enfrentaram um apagamento histórico, incluindo a falta de reconhecimento da CBF, que não inclui a história do futebol feminino brasileiro no “Museu Seleção Brasileira”.

O livro, portanto, apresenta-se como um importante espaço de memórias individuais que são coletivas, porque se fazem dentro de um mesmo contexto, o das primeiras mulheres a ousar jogar futebol no Brasil e a desafiar o machismo e o próprio Estado quando, de forma autoritária e preconceituosa, procurou proibir a prática do futebol pelas mulheres. Assim, o livro configura-se como importante dispositivo de história, que registra as mudanças que vão ocorrendo para que as novas gerações aprendam sobre lutas, sobre direitos, sobre superações. E é nesse contexto que aprendemos o quanto as conquistas das mulheres demoram a se efetivar em um país tão desigual, machista e misógino como é o caso do Brasil.